

Mortes agravam crise em hospital do Rio

Tasso Marcelo/AE

Falta de atendimento no sistema público coloca em evidência deficiências na rede de saúde

EDMILSON SILVA

RIO — A morte de dois pacientes por falta de atendimento em um dos maiores hospitais de emergência da cidade agravou a crise no setor de saúde do Rio, em decorrência da falta de atendimento no sistema público de saúde. Neusa Ferreira de Oliveira, de 39 anos, e Luiz Paulo da Silva Aguiar, de 52 anos, morreram sem que pudessem ser atendidos por um médico. Motivo: eles faltaram ao plantão.

Cardíaca, Neusa ficou estendida em frente do portão da entrada do Setor de Emergência do Hospital Albert Schweitzer, em Realengo, na Zona Oeste

da cidade. Aguiar morreu dentro de uma ambulância a caminho de um outro hospital no fim da noite de domingo.

As mortes suscitaram muitas discussões e troca de acusações entre os principais responsáveis pelo sistema de saúde. A diretora do hospital, a cardiologista Sônia Prado, responsabilizou a falta de médicos no plantão, mas não apontou um culpado pelas mortes; o presidente do Sindicato dos Médicos, Luis Tenório, culpou os baixos salários dos profissionais pela crise, e o secretário estadual de Saúde, Luís Medina, convocou a imprensa ontem, na tentativa de esclarecer a crise.

**MÉDICOS
FALTOSOS
SERÃO
PUNIDOS**

Promessa — Medina prometeu punir os médicos que faltaram ao plantão. Eles já foram punidos com a perda de 50% dos salários por não terem ido trabalhar no Natal e no ano-novo.

O presidente do Conselho Regio-



Hospital Albert Schweitzer, no Rio: duas mortes em uma noite

nal de Medicina do Rio de Janeiro (Cremerj), Mauro Brandão, mandou abrir sindicâncias para apurar a responsabilidade pelas mortes. Ele também fez questão de lembrar que a crise é “estrutural”. “A situa-

ção dos hospitais de emergência é de completo caos, mas um médico não pode se recusar a atender a um paciente ou não ir trabalhar alegando que o seu salário é baixo”, advertiu Brandão.